

SANTOS EMBARALHOU as pastas distraidamente. A simulação de alguma atividade o dispensava de cumprimentar um por um os que iam chegando.

– Estas ficaram arrumadas e sem par na última reunião.

A secretária mostrava um monte de pastas abandonadas, empilhadas num canto do balcão, cheio de arquivos e pastas novas nas quais os membros do Comitê Central do Partido Comunista da Espanha encontrariam a ordem do dia, o esqueleto do relatório político do secretário-geral e a intervenção completa do responsável pelo Movimento Operário.

– No meu tempo se dava a vida para ser membro do Comitê Central, e hoje se esquivam nos fins de semana.

Santos sorriu para Julián Mir, o responsável pela organização.

– Não troco estes tempos por aqueles.

– Não, Santos, eu também não, mas me dá raiva a falta de consideração de alguns camaradas. Tem quem viaje setecentos quilômetros num trem para vir à reunião, e tem quem fique em Argüelles, a meia hora de táxi.

– Bem, o que faço com as pastas dos que não vieram à reunião anterior?

– Junte-as com as de agora.

A moça obedeceu à decisão de Santos, e Julián Mir voltou à sua condição de responsável pela organização, examinando com olhos de especialista as entradas e

as saídas de seus subordinados, identificados por uma braçadeira vermelha.

– Um dia vamos nos aborrecer. Não gosto deste lugar.

Santos apoiou o mau humor crítico de Mir com um movimento de cabeça ambíguo, que tanto podia lhe dar razão como não. Era o mesmo movimento que vinha utilizando com Mir desde os tempos do Quinto Regimento. Julián não gostava das sombras do entardecer carregadas, aparentemente, de soldados de Franco. Nem das luzes do amanhecer abrindo caminho para a vanguarda dos Regulares. Assim como não gostaria nada, nada mesmo, dos bosques do Tarn, bosques surgidos ainda no Pleistoceno, bem ao gosto das patrulhas alemãs. Não gostou, portanto, das ações que o encarregaram no interior, mas as realizava com a desdenhosa segurança de um herói de faroeste.

– Muitas dificuldades?

– Quatro fascistoides mortos de medo.

Mir respondia invariavelmente ao retornar de cada uma de suas expedições à Espanha franquista. Sempre havia sido assim. É provável que já tenha nascido assim, pensou Santos, surpreso de repente diante da evidência de que Julián Mir tinha nascido algum dia, havia muito tempo, tempo demais, acumulado agora em seus cabelos tão duros como brancos, em sua musculatura de velho atlético, já muito responsável por um rosto de galo de briga.

– Não gosto deste lugar.

– Tá certo. E onde você quer reunir o Comitê Central?

– Exceto em locais esquecidos por aí. É disso que me queixo. E um bom lugar central, como têm todos os partidos comunistas apresentáveis. Você acha justo?

Aqui mesmo, ontem, houve uma convenção dos anabatistas da base de Torrejón de Ardoz. E olhe aquele painel. O que diz ali?

– Teria que colocar os óculos para enxergar.

– Ora, vamos. Desde que você virou um burocratazinho do partido, está perdendo as faculdades. Eu posso ler muito bem: conferência “A senda do espírito no caminho do corpo” pelo iogue Sundra Bashuarti. Foi isso que fizeram aqui ontem. Já não sei se isto é uma reunião do Comitê Central ou uma concentração de faquires. Os comunistas num hotel, como se fôssemos turistas ou vendedores de roupa íntima.

– Você está num dia ruim.

– E um dia um comando de fascistoides vai se infiltrar entre nós disfarçado de orquestra tropical, porque de vez em quando se escuta a música do salão de baile.

– É música ambiente.

Santos abandonou Mir ao seu mau humor para receber um frenético abraço do camarada prefeito de Liñán de la Frontera. Não perdera as faculdades. A memória de Santos seguia sendo argila fresca em que ficavam gravados todos os rostos do partido, e seus braços continuavam respondendo com hercúleo desespero os abraços soviéticos com os quais os camaradas mais distantes se empenhavam em comprovar a resistência de seu já velho esqueleto.

– Por que nos abraçamos assim? – Fernando Garrido perguntou a ele um dia.

Ele encolheu os ombros.

– Provavelmente desde a guerra. Qualquer despedida ou qualquer encontro tinham muita importância.

– Eu acho que é influência soviética. Os soviéticos sempre se cumprimentam assim. E ainda bem que não inventamos de nos beijar como eles.

– Nem me fale, rapaz. Cada vez que me davam um beijo na boca, eu não sabia o que fazer, se lhes dava um chute nos ovos ou aceitava o afago.

Garrido estava mesmo atrasado. Os camaradas formavam rodas no vestíbulo do salão onde se realizaria a reunião; as rodas resistiriam até que a porta se abrisse para dar passagem à corrente elétrica que sempre anunciava as entradas de Garrido. Então os círculos se abriam como olhos para contemplar uma vez mais o milagre repetido da encarnação da vanguarda da classe operária na pessoa de um secretário-geral. Santos decidiu fazer uma última inspeção na sala de reuniões antes que ocorresse a entrada de Garrido sob o manto invisível da História. Do umbral da porta, às suas costas, o burburiinho crescente das conversas mornas como uma digestão, e diante dele a solidão da sala de convenções do hotel Continental, a profilática concentração simétrica das mesas e das cadeiras protegendo, sem o calor de couro ou tecido, o baixo estrado onde exercia o poder, a mesa em que se sentariam Garrido ao centro, dois camaradas do Comitê Executivo à direita e outros dois à esquerda.

– O som está bom? Testou o gravador?

As cabeças responsáveis disseram sim para Santos.

– Quem vai se sentar hoje junto com o Fernando?

– Martialay, Bouza, Helena Subirats e eu.

– A unidade dos homens e das terras da Espanha.

– O Martialay não vai se sentar por ser basco, mas porque é o responsável pelo Movimento Operário.

– Eu sei. Eu sei. Era uma brincadeira.

– É que hoje o tema é monográfico.

Santos respondia ao jovem irônico e ao mesmo tempo repassava mentalmente a sua filiação. Paco Leveder, professor de Direito Político, da safra do Sindicato Democrático. “Será um bom parlamentar”, Garrido havia

comentado quando ouviu uma intervenção naquele colégio de Ivry cedido pelo Partido Comunista Francês para uma reunião clandestina com os quadros universitários do interior. Agora era simplesmente um parlamentar.

– O Garrido está atrasado.

– Não apenas o Garrido. Falta quarenta por cento do Comitê Central. A noção de pontualidade é a primeira que se perde na legalidade. Certamente, você não veio à reunião anterior e não se desculpou pela ausência.

– Avisei a Paloma por telefone. Tive um ato.

– Você sabe que as reuniões do Comitê Central estão acima de qualquer ato, mesmo que sejam atos do partido.

– Agora você vai me dizer que o Comitê Central é o órgão supremo de direção do partido?

– Não acho que seja necessário.

– Você se lembra de “Terra para quem trabalha” ou “Todo o poder aos soviets”?

– Já lembrava antes mesmo de você nascer.

– Pois você está muito bem conservado, Santos.

Despediu-se de Leveder com um sorriso e respondeu às saudações e brincadeiras que vinham de diferentes grupos com um passo cada vez mais apressado até a entrada, de onde Julián Mir lhe fazia sinais de que Garrido havia chegado. E, como se tudo estivesse calculado por um cronômetro onipotente, Julián deixou a porta livre, e Santos chegou até ela justamente no momento em que emoldurou Fernando Garrido. Sorria e avançava. Avançava e cumprimentava. Cumprimentava com as mãos e falava com uns e depois com outros como se recitasse um discurso perfeitamente calculado para a duração do trajeto entre a porta do vestíbulo e a do salão da convenção. As rodas abriam-se até se romperem por culpa dos que estavam empenhados em apertar a

mão de Garrido, merecer uma confiança ou oferecê-la diante da solícita, devotada e inclinada cabeça de um secretário-geral vazio de segredos e aberto a qualquer segredo, mas sem se deter, entre Santos e Julián, pisando os calcanhares dos rapazes da organização que apenas deixavam espaço para Martialay no estreito corredor humano. Garrido fez uma parada especial para enfrentar o abraço mortal de Harguindey, vinte anos e um dia de prisão cumpridos com uma obstinação de deus do tempo. Garrido sobreviveu ao repicar das mãos de Harguindey sobre as suas costas e fez uma piada para Helena Subirats que mereceu uma gargalhada geral, mais parecida com uma ovação. Ainda não acreditamos totalmente que possamos nos reunir. Que Fernando esteja aqui. Que haja um furgão cheio de guardas protegendo a entrada lateral do hotel. Santos pensava e ao mesmo tempo respeitava as paradas da procissão pedindo certa urgência em seu avanço. Parou para que Martialay o alcançasse.

– Não pudemos entregar as cópias da sua intervenção com tempo suficiente. Nós a distribuímos somente hoje.

– Como sempre.

– Como quase sempre.

Garrido havia cortado o cabelo; das suas costas saíam vapores de banho recente e loção *after-shave*. Quem te viu e quem te vê. Por um momento, Santos teve a impressão de seguir o Fernando Garrido de mais de quarenta anos atrás, o líder congênito que nas reuniões preparatórias de outubro de 1934 havia lhe dito: “Largue tudo e me siga”; e Santos o havia seguido durante quarenta anos de guerras, exílios, prisões, falsas identidades, incluídas algumas férias na Crimeia e partidas estratégicas de pôquer com os soviéticos.

- Santos.
- Diga, Fernando.
- Queria falar com você e Martialay antes de começar a reunião.

Entraram os três no salão. Julián Mir fechou a porta a suas costas.

– Sigo sem entender bem a decisão de adiar o encontro com os socialistas.

– Insisto que, a quinze dias das eleições sindicais, é preciso demarcar distância. Vai dar confusão, e o PSOE* vai se dedicar à campanha da UGT.**

– De todo modo, qualquer intervenção ou pergunta que seja feita durante a reunião deve ser respondida com certa ambiguidade. As posições claras e taxativas muitas vezes escondem obscuridade e vacilação.

– Achei que tudo estava claro.

– Talvez por isso esteja obscuro. O que você acha, Santos?

– Não é preciso colocar em questão a reunião com os socialistas. Vai parecer tão lógico que a façamos como que não a façamos.

– Isso é verdade.

– Parece um problema bizantino.

– Você sempre está dizendo que não quer ser uma engrenagem do partido, e o partido também não pode ser uma engrenagem sua.

Martialay deu de ombros e foi procurar seu lugar à mesa, mergulhando nas águas datilografadas da próxima intervenção.

– Ele está nervoso.

– Tem seus motivos.

* Partido Socialista Operário da Espanha. (N.T.)

** União Geral de Trabalhadores. (N.T.)

Garrido tirou do bolso do casaco um cigarro, como se todo o bolso fosse um maço deles. “Parece que os retira já acesos”, havia escrito um jornalista.

– Não vão permitir que você fume.

– E depois dirão que sou um ditador.

Devolveu o cigarro ao bolso:

– Vamos começar.

Santos abriu a porta e foi ocupar seu lugar à direita de Garrido. Dali viu a entrada falante e barulhenta dos membros do Comitê Central.

– Quase uma plenária. Dá para notar que há expectativa. Você viu o *El País*?

– Esses nos fodem com educação. Mas os do *Cambio 16* voltaram a dar como título “A chantagem sindical”.

Garrido levantou-se para cumprimentar Helena Subirats.

– Muito boa a sua entrevista no *La Calle*.

– Fico feliz que tenha gostado. O reducionismo dos entrevistadores segue me deixando nervosa.

Santos fez o primeiro shh, pedindo silêncio, seguido pelo shh dos mais veteranos e disciplinados membros do Comitê Central. Santos bateu no microfone com o dedo, e a tosse tuberculosa, eletrônica, exagerada foi mais eficaz que o shh humano.

– Vocês têm a ordem do dia nas pastas.

Sessenta por cento dos reunidos consideraram que era indispensável comprovar a informação. Julián Mir abriu a sala para um quarteto de cinegrafistas da Televisão Espanhola. Banharam de luz a presidência e as primeiras fileiras de mesas, enquanto a câmera tragava a realidade com um ruído sem altos e baixos, como se fosse um animal incapaz de gradações.

– Se quiserem, podem ficar – Garrido respondeu quando os técnicos da televisão se despediram.

– Seria muito interessante, mas temos que filmar o início da reunião da Executiva do PSOE.

– Andem. Mas aqui aprenderiam mais coisas.

– Não duvido.

– As reuniões dos comunistas são sempre mais emocionantes.

Santos respaldava com seu sorriso as gracinhas de Garrido. Martialay seguia brigando com os papéis de sua intervenção. Os da televisão foram embora, fecharam-se as portas, instalou-se o silêncio.

– Vamos acabar logo porque vocês sabem que não posso ficar sem fumar.

Risos.

E, como se as risadas tivessem sido mal recebidas pelos deuses da energia elétrica, faltou luz e um bloco de escuridão instalou-se no salão, sólido, incontestável.

– Esses comandos operários, sempre de greve – comentou Garrido, mas os microfones não amplificaram sua ironia.

Quis falar em tom mais alto, mas não conseguiu. Uma dor de gelo atravessou o colete de lã inglesa e lhe esvaziou a vida sem poder fazer nada para contê-la com as mãos.

A luz voltou, e Santos foi o primeiro a compreender que a cena havia mudado. Não era normal que Fernando Garrido tivesse a cabeça sobre a pasta, uma cabeça ladeada, mostrando a boca aberta e os olhos mais vidrados do que as grossas lentes dos óculos deslocados para a frente. Santos levantou-se, como se alguma coisa lhe salpicasse dolorosamente as pernas, e os demais comunistas foram levantando um após o outro estupefatos, entre prévias perguntas de o que há até um derrubar de cadeiras e fugas para a frente, ao encontro com a evidência da morte.